

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

SARAH LAMILLE RIBEIRO ANDRADE

**FOTOGRAFIA IMERSIVA E LIMITES DA VISÃO, UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA
COM OUTROS OLHOS**

CACHOEIRA - BA

2022

SARAH LAMILLE RIBEIRO ANDRADE

**FOTOGRAFIA IMERSIVA E LIMITES DA VISÃO, UMA EXPERIÊNCIA
ESTÉTICA COM OUTROS OLHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, no Centro de artes, humanidades e letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientadora: Profa. Dra. Emi Koide

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
COLEGIADO DO CURSO BACHARELADO EM ARTES VISUAIS
Rua Ana Nery, nº 25, Centro, Cachoeira, Bahia, Brasil,
CEP 44.300-000 Fone: 75 3425-2561

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
GRADUAÇÃO BACHARELADO EM ARTES VI-
SUAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RE-
CÔNCAVO DA BAHIA DO(A) GRADUANDO(A)**
Sarah Lamille Ribeiro Andrade

Ao(s) 18 dia(s) do mês de março do ano de 2022 foi realizada a sessão pública de defesa de Trabalho Monográfico de Conclusão do Curso de Graduação Bacharelado em Artes Visuais “Fotografia imersiva e limites da visão, uma experiência estética com outros olhos” de autoria da estudante Sarah Lamille Ribeiro Andrade. Deu início aos trabalhos o(a) Orientador(a) do trabalho, professor(a) Emi Koide, Presidente da Comissão Examinadora, instituída e homologada pelo Colegiado. Além da Presidente, compuseram a Comissão Examinadora os professores Priscila Miraz de Freitas Grecco (membro interno) e Silvio Cesar Oliveira Benevides (membro externo). Uma vez iniciados os trabalhos, foi realizada a apresentação pública do TCC, seguida dos questionamentos feitos pelos membros da Comissão Examinadora e da defesa pública pelo (a) estudante. Depois deste momento, suspendeu-se a sessão por alguns instantes para reunião da Comissão Examinadora e emissão dos pareceres e notas. Retomada a Sessão de Defesa o(a) Presidente da Comissão Examinadora realizou a leitura das notas atribuídas a cada aspecto avaliado por cada um dos membros da Comissão, juntamente com o Parecer Geral anexo. Com base nas notas dos membros da Comissão Examinadora, o trabalho recebeu média geral 9,0 e foi considerado (a)

- Aprovado
 Aprovado, condicionado aos ajustes constantes no referido parecer geral
 Reprovado



Emi Koide - Orientador(a)



Priscila Miraz de Freitas Grecco (UFRB)

Membro da Comissão Examinadora



Silvio Cesar Oliveira Benevides (UFRB)

Membro da Comissão Examinadora



Sarah Lamille Ribeiro Andrade

Estudante do Bacharelado em Artes Visuais

Nada mais havendo de digno de registro, a Sessão Pública de Defesa de TCC foi dada como finalizada e Eu, como Presidente da Comissão Examinadora, lavrei a presente Ata, que vai assinada por mim, pelos demais membros da Comissão Examinadora e pelo graduando.



SISTEMA DE BIBLIOTECAS

UFRB
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL - BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRB

1 Identificação do tipo de documento

Tese Dissertação Monografia Trabalho de Conclusão de Curso Memorial Outros

2 Identificação do autor e do documento

Nome completo: Sarah Lamille Ribeiro Andrade CPF:039.724.625-06

Nº de Matrícula do Curso:201611840 Telefone:(75)98360-0110

E-mail: sarahlamille@hotmail.com

Curso de Pós-Graduação/Graduação/Especialização: Graduação

Data da defesa: 18/03/2022

3 Autorização para publicação na Biblioteca Digital da UFRB

Autorizo com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, na Biblioteca da UFRB para fins de leitura e/ou impressão pela Internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Texto completo Texto parcial

Em caso de autorização parcial, especifique a (s) parte (s) do texto que deverão ser disponibilizadas:

3. Local Data Assinatura do (a) autor (a) ou seu representante legal

4 Restrições de acesso ao documento

Documento confidencial?

Sim Justifique: _____

4.1 Informe a data a partir da qual poderá ser disponibilizado na Biblioteca Digital da UFRB: ____/____/____ sem previsão

Assinatura do Orientador: _____ (Opcional)

Assinatura do Autor:

(Obrigatório)

O documento está sujeito ao registro de patente? Não

sim

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim

Não

Conforme Resolução 003/2018 do CONAC, Após a apresentação e aprovação do trabalho, o aluno deverá encaminhar duas copias do trabalho final em mídia digital (em formato pdf) devidamente assinada pela Banca e pelo Orientador para registro no Colegiado do Curso e 1 (uma) mídia para ser encaminhada para a Biblioteca onde o curso funciona acompanhada do termo de autorização para publicação.

Dedico este trabalho à minha família, em especial ao meu pai,
que você possa ver daí de cima a minha “boa e estranha arte” e a todos aqueles que se permitem
olhar para o mundo com outros olhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente no topo de qualquer forma de agradecimento sempre estarão os meus pais, Iraci e Jozeli (in memoria), o que torna essa escrita um tanto quanto dolorosa. Sempre imaginei todos ao meu lado quando esse dia, tão desejado fosse conquistado. A vocês, toda a minha admiração, carinho e respeito. Fico saudosa quando lembro da forma que cada um me motivava de alguma forma, no último diálogo com meu pai ele definiu minha arte como “são estranhas, mas estão boas” e assim espero alcançar muitas outras pessoas com essa boa estranheza artística.

A minha irmã e também ao meu irmão, Iris e Eric, cada qual a sua maneira demonstram seu apoio e me encorajam. A Felipe, meu sobrinho e companheiro de deliciosas bagunças artísticas me fazendo ter sempre um olhar diferente sobre as diversas formas de arte. A minha avó Laura (in memoria) que acompanhou só o início da minha vida acadêmica, mas sempre soube a importância e felicidade que foi esse processo para mim.

As minhas amigas e companheiras de curso que compartilharam sentimentos e experiências dessa trajetória, como também as minhas amigas e amigos fora da universidade que sempre estiveram me acolhendo nos momentos felizes e também nos de angústia.

A toda minha rede de professores que foram excelentes e enriquecedores na minha jornada acadêmica, em especial a minha orientadora Prof.^a Dr. Emi Koide, que admiro muito e Prof.^a Priscila Miraz, que também admiro muito e me inspiro, tendo a honra de compartilhar experiências no Programa de Extensão História da Arte e Gênero.

Por fim, a todos que contribuíram no meu processo com palavras de apoio, uma referência que remetia a minha experiência e enxergam na arte uma maneira de viver feliz.

FOTOGRAFIA IMERSIVA E LIMITES DA VISÃO, UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COM OUTROS OLHOS

Sarah Lamille R. Andrade

RESUMO

Sempre muito atraída por experimentos sociais e comportamentais o projeto surge da inquietação e posteriores questionamentos à forma em que visualizamos todo universo ao redor, como o outro se sente ao ver com um déficit na visão, sente e percebe o mundo. Contudo, busco resgatar a cultura do sentimento através do olhar daqueles que permanecem sob a égide da razão.

Palavras Chave: Arte. Fotografia. Educação Especial. Autenticidade. Experimental. Baixa Visão. Acuidade. Miopia. Ambliopia. Fotofobia. Estrabismo. Astigmatismo. Hipermetropia. Capacitismo.

ABSTRACT

Always very attracted to social and behavioral experiments, the project arises from the restlessness and subsequent questioning of the way in which we visualize the entire universe around us, how the other feels, how the other feels when seeing with a deficit in vision, feels and perceives the world. However, I seek to rescue the culture of feeling through the eyes of those who remain under the aegis of reason.

Keywords: Art. Photography. Special Education. Authenticity. Experimental. Low Vision. Acuity. Myopia. Amblyopia. Photophobia. Strabismus. Astigmatism. Hyperopia. Ableism.

SUMÁRIO

Introdução	8
Parte I – Resgate as primeiras perspectivas do olhar sensível	12
Parte II - Nascemos cegos, aprendemos a enxergar.....	14
Parte III – Processo criativo, memorial.....	15
Parte IV - Fotografia Míope.....	18
Fotografias	20
Primeiro Experimento – Fotografia Míope.....	23
Querida estranha conhecida	29
Considerações finais	31
REFERÊNCIAS:.....	32

Introdução

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” – Epígrafe do "Ensaio sobre a cegueira", citando o "Livro dos Conselhos" de El-Rei D. Duarte. *Ensaio sobre a cegueira*, José Saramago.

A baixa visão é o conjunto de resultados de condições oftalmológicas que podem ser genéticas ou simplesmente causadas por fatores ambientais, ou seja, qualquer um de nós está sujeito. Os olhos são um dos órgãos mais importantes e sensíveis que possuímos. As condições oftalmológicas que foram o estopim da presente pesquisa são: estrabismo, miopia, ambliopia e astigmatismo.

O projeto baseia-se em experiências visuais próprias com o intuito de compartilhar a experiência e obter a sensação do indivíduo que se permita a vivê-la. Busca-se com o projeto não só mostrar como o indivíduo sente-se com a deficiência visual como também as dificuldades que enfrentamos cotidianamente. O projeto propõe uma troca mútua onde ambos - espectador e artista, desfrutam de sensações produzidas pelo olhar, sobre sua forma de ver e sentir o mundo exterior. Através da experiência proporcionada a outras pessoas, o intuito é identificar e captar as sensações produzidas por esses espectadores durante todo o tempo em que permanecerem experimentando a proposta das fotografias, descrevendo as sensações sentidas. De caráter fenomenológico e hermenêutico, o produto se desenvolve dentro da poética sobre formas de ver o mundo e senti-lo. Ao promover a instalação, pretende-se ampliar o campo de visão do outro, tirando-o da sua zona de conforto visual habitual. A proposta surgiu da inquietação, da curiosidade na relação comigo mesma em aceitar minha condição do quase não ver e sobre o comportamento do outro diante dessa vivência.

Percorrido por várias ideias, processos e experimentos no decorrer dos semestres, como experimentos fotográficos utilizando o desfoque e longa exposição para obter resultados aproximados de como realmente vejo, além de outros caminhos dentro da fotografia conseguindo ainda chegar mais próximo do que se busca com a instalação *Outros Olhos*, realizada como trabalho final na exposição avaliativa da matéria Técnicas e Processos Artísticos IV.

A instalação *Outros Olhos* baseou-se em experiências minhas relacionadas à baixa visão. A obra fez parte de mais um experimento que utilizou técnicas e processos em escultura para sua realização. A obra consiste numa espécie de grande lente de aproximadamente 40 cm de diâmetro onde foi projetado um vídeo em *looping* com alta resolução, onde eu removo as lentes de contato, enquanto do outro lado da grande lente a projeção acontece em baixa resolução totalmente desfocada na tentativa de representar como visualizo o mundo, as situações em volta sem as lentes, mostrando diferentes perspectivas, mostrando como é enxergar com outros olhos. O projeto foi realizado em parceria com Felipe Passos também discente do curso de Artes Visuais, possibilitando a partilha de diversas experiências e técnicas até o resultado final da obra.

Outra experiência utilizando este conceito foram as fotografias apresentadas na mostra fotográfica do componente Fotografia II, elas encontravam-se em total desfoque com alguns pontos específicos nas imagens que eram o “foco” como os pontos de luz que apareciam borrados, estourados, como se estivessem pixelados. A série com quatro fotos faz parte de um processo experimental não só do uso de técnicas, mas também de conceitos. As imagens retratam o cotidiano de pessoas com graus elevados de miopia e forte necessidade de usarem objetos de correção visual. Sabendo da dificuldade e dependência que se cria ao ter a necessidade de usar lentes de contato e/ou óculos coloquei-me de corpo inteiro a experimentar, estando sem meus “segundos olhos” em espaços que seguiam o fluxo cotidiano, talvez estivesse de alguma forma vulnerável, vendo o não ver!

Do experimento pude captar o mundo de forma crua, permitindo-me a sentir e ouvir mais do que ver. Reparei!

A pesquisa e desenvolvimento do projeto tiveram como ponto de partida a busca em descrever a forma entre imagens em diferentes distâncias focais, as várias formas e ausência dessas na medida em que me aproximo ou me distancio de algo ou alguém que esteja a minha volta, como num teste de acuidade visual por exemplo. Começo a busca na tentativa de comparar estilos estéticos de pinturas com essas fotografias produzidas, bem como a visão da realidade com e sem correções visuais que alteram a percepção de posições, altura e a forma dos objetos. Durante todo meu processo busquei caminhos que levassem uns aos outros de alguma forma, construindo um diálogo entre diversos percursos. Dentre vários experimentos, alguns a partir de referências através de outros artistas e seus experimentos, artistas esses que serão citados nos próximos trechos, outros simplesmente idealizados e elaborados nesse processo.

Pude me alimentar de referenciais como as pinturas à óleo de Philip Barlow, artista que busca explorar a luz e relação da cor. O artista faz a captura de momentos em fotografia, transformando-as depois em pinturas, nas quais busca levar ao observador uma ideia imprecisa do tempo em forma, luz e cor que se unem em toda sua complexidade, como ele descreve em seu perfil na internet.¹

Ao longo do processo trago também como uma das principais referências José Saramago e seu livro *Ensaio sobre a cegueira* (1995), um dos romances mais famosos do autor, em que o escritor retrata uma cegueira branca que atinge grande parte da população da cidade, fazendo com que as pessoas passem a viver e ver em uma perspectiva diferente da considerada “comum”. Além da sua forma de escrita, que foge dos padrões ortográficos, o autor traz em sua escrita uma descrição fluida.

Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo... São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso. (José Saramago, 1995)

Indira Z. Richter² que com sua poética visual na prática a denominou como “deriva”, onde sai registrando ações cotidianas e captando sensações. Sua pesquisa aproxima-se do que venho buscando em vários aspectos. Como uma pesquisa cartográfica desenhando pensamentos e retratando situações em diversos espaços e momentos.

Cito também, Cao Guimarães com *Histórias do não ver*³, onde o artista relata a experiência de seus "sequestros" e as fotografias seguindo uma linha poética visual e escrita, que se tornou base para novos experimentos desta pesquisa. Em seu livro, Guimarães descreve as sensações e imagens de cada imagem captada, o que me fazia mergulhar no imaginário e viver a cena. É claro que as sensações eram outras, mas ainda assim as sensações existiam. Seu livro, como o

¹ Em seu site é possível conhecer diversas pinturas do artista além da sua biografia e contato. Ele também desenvolve seu conceito artístico de capturar imagens em fotografia e traduzi-las em pinturas que caminham em direção ao abstrato, consultado em 17 de fevereiro de 2022:

<https://www.philipbarlow.com/>

² “Cartografia como metodologia: Uma experiência de pesquisa em Artes Visuais”, 18 de fevereiro de 2022: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/13292>

³ Livro “Histórias do não ver”, autor Cao Guimarães, publicado no ano de 2001, 18 de fevereiro de 2022: <https://www.caoguimaraes.com/livro/historias-do-nao-ver-2/>

artista mesmo descreve, é fruto de uma ação despretençiosa quando ele decide praticar natação e conclui que essa também era uma forma de adentrar e recordar o mundo dos sonhos.

Assim, parto para primeira experiência estética transitando entre vídeo/fotografia nítidas e não-nítidas fazendo uma relação entre o olhar retratado em imagens com diferentes graus de desfoque podendo assim associar distância, formas e ausência das formas com alguns estilos de pinturas pós-impressionistas, expressionistas e abstratas.

Como parte do processo para captação das imagens apresentadas, começo uma observação de pinturas de Kandinsky, Paul Gauguin, Van Gogh e Paul Cézanne, tendo como referências pinturas do pós-impressionismo. Sem o uso das lentes ou óculos observo o espaço, pessoas e objetos, sons e movimentos existentes à minha volta e à distância calculáveis e possíveis ao campo de visão.

Parte I – Resgate as primeiras perspectivas do olhar sensível

No caminhar do processo dei-me conta que não bastaria somente representar de forma imagética, mas que necessitava ir de encontro com o próprio olhar sensível. Foi quando revisitei memórias de infância e percebi que ao longo dos anos, estas lembranças haviam sido esquecidas junto com minha forma diferente de visualizar o mundo e que se não as resgatasse, logo se perderiam de um modo ou de outro. Hoje se tornam fruto desse trabalho com uma outra perspectiva.

Em conversas compartilhadas durante o processo tendo em vista também resultados da pesquisa, pude ir ao encontro não só do meu próprio olhar sensível, como com os de quem os compartilhava comigo. Não podemos manipular a sensação ou o olhar do outro, mas aproximar com as nossas. É o que busco a cada linha em que decrevo o ver, o sentir e ser míope. Precisava de ideias que fossem soluções para alcançar o objetivo da pesquisa, que a princípio me soavam não muito boas ou grandiosas, até colocá-las em prática. No momento em que mais precisava me comunicar foi exatamente quando o mundo parou e entramos num isolamento coletivo, isolamento social. O momento pandêmico em que nos encontramos há praticamente dois anos, dificultou de diversas formas o desenvolvimento das ideias e materialização do produto de pesquisa, sendo necessário o contato com outras pessoas e lugares.

Durante dias pensei nas possibilidades por busca de resultados de questionamentos que insistia em fazer a mim mesma sobre a ideia de *fotografia míope*. Resultados esses que a princípio necessitariam do contato cara a cara permitindo entender talvez como o observador se sentiria imerso na experiência. Não imaginaria que fossem tomar uma dimensão tão grande e eficaz através de diálogos com pessoas de diversas cidades e países. A primeira tentativa foi a participação em uma exposição fotográfica *online* e logo em seguida a disseminação das imagens que havia produzido através de um aplicativo para aprender novos idiomas, o Tandem. Na medida em que o diálogo fluía e que buscávamos saber um do outro, sempre chegávamos nesse assunto que estava tão presente na minha rotina. E assim, meus questionamentos sobre a sensibilidade humana começaram a surgir e ter respostas.

Entre tantos diálogos sobre o processo dentro do próprio processo, deparei-me com percepções incríveis por pessoas de diversas partes do mundo e pude perceber que em qualquer lugar, seja no meu país ou fora dele é necessário esse resgate do sensível.

Partindo dessa ideia de diálogo, comecei a prática. Sinalizei minhas inquietações e questionei as dos outros que encontrava, na tentativa de instigar o pensar e o sentir. Foi extremamente curioso perceber que imagens de experiências e vivências minhas remetiam às memórias de outras pessoas; alguns lembravam e descreviam o lugar onde cresceram, outros diziam pensar o quanto era incômodo visualizar daquela forma e questionavam de volta como era visualizar daquela maneira. Houve também comparações com pinturas abstratas, ideia da subjetividade e o que se pode criar através dela, aguçando assim a criatividade e a capacidade de fantasiar que temos, e que por muitas vezes esquecemos que possuímos fazendo assim que deixemos de lado o nosso ser sensível.

Diferente do que foi idealizado desde o princípio, diante da fase pandêmica que vivemos as limitações aos meios de produção fizeram com que o projeto fosse pensado em outros formatos fazendo com que fosse necessário, mais uma vez repensar na sua forma de execução. Assim, buscando também novas formas para elaboração da proposta, pude pensar e refletir mais uma vez em outras perspectivas além de experimentar outras ferramentas.

Parte II - Nascemos cegos, aprendemos a enxergar

Nesse ponto, compreendendo não só de forma fenomenológica, mas também física em diálogo com oftalmologista busco entender como nossos olhos funcionam.

De forma particular, gosto de compará-los com o modo como as câmeras fotográficas funcionam, como recebem e reagem à luz. Assim como para os artistas que são referências para o trabalho, que de algum modo me inspiram, luzes me fascinam. A maneira que as luzes se mostram iluminando e refletindo os objetos aguçam o imaginário. Quando refletidas no mar parecem não só luzes refletidas, mas com pinturas à óleo. Como as pinturas de Van Gogh, um dos maiores pintores da história da arte moderna ocidental citado em diversos livros de História da Arte, biografias e em filmes. No filme *Com amor, Van Gogh* (2017), dirigido por Dorota Kobiela e Hugh Welchman, o longa que foi indicado ao Oscar, conta a história do pintor através de uma carta destinada ao seu irmão. Van Gogh foi um artista muito sensível e através da sua arte que ecoa até os dias de hoje podemos nos conectar com aos sentimentos do artista.

William Turner, pintor inglês do período romântico, é também considerado por alguns um dos “[...] precursores do modernismo na pintura, em função dos seus estudos sobre cor e luz”. Ambos artistas fascinados por luzes e seus efeitos nas cidades, no mar e nas paisagens. Esses pontos fazem com que me sinta mais próxima de suas obras. No filme *Mr. Turner* (2014) dirigido por Mike Leigh, é possível conhecer um pouco mais sobre a vida e a carreira artística de Turner.

Parte III – Processo criativo, memorial

Durante todo processo me permiti vivenciar de forma natural a experiência do ver de forma limitada, sentir como é conviver em sociedade com a falta de acessibilidade, não só de forma “arquitetônica”, mas também no contato social. A forma em que o outro se manifesta diante de mim, notando a minha vulnerabilidade não me deixou surpresa, mas em certo ponto desacreditada da honestidade humana em pequenas situações. Em uma delas, saí do consultório oftalmológico, sem o auxílio de acessórios necessários para meu deslocamento sozinha, sem óculos, sem lentes de contato e sem o auxílio de outras pessoas de confiança, como de costume, junto a mim. Retorno a cidade de Dom Macedo Costa no interior da Bahia, onde vivi parte da minha infância e cresci diante de olhares curiosos e por muitas vezes críticos relacionados à deficiência visual. Por muito tempo, fui uma criança insegura acerca de afirmações sobre aparência e a capacidade em realizar algumas tarefas. Sempre haviam outras crianças ou até mesmo adultos preparados para fazer uma piada, uma crítica ou qualquer pergunta sobre o estrabismo e a profundidade das lentes dos óculos. E daí vieram os muito apelidos e inseguranças.

Assistindo o documentário *Janela da Alma* (2001), roteiro e direção de João Jardim e Walter Carvalho, pude me aproximar ainda mais da minha pesquisa, compartilhando talvez dos mesmos sentimentos de algumas das dezenove pessoas presentes no filme. A cada diálogo trocado no documentário, dentre sua duração de 1 hora e 13 minutos, “via” um pouco do meu processo e dos vários aspectos relativos à visão. Dentre algumas pessoas presentes no documentário, a menina Jessica Silveira, na época ainda criança, me recordou a sensação de estar em espaços onde não me sentia confortável diante de outras crianças/adolescentes. Jessica pontuou não estar de óculos por “vergonha”, para ela era mais fácil lidar com o “não ver” do que com as críticas por estar com óculos e a solução era deixá-lo em casa. Bom, as minhas opções eram mais reduzidas, e sair sem os óculos - até a descoberta das lentes de contato - não era uma dessas opções. Por outro lado, aprendi a lidar com as críticas e ver tudo em volta por outra perspectiva, como também apresentar essa maneira de ver ao outro.

Perspectiva essa que tento abordar de maneira sutil, mas não tão diferente do que pude ver e reconhecer nos outros como em mim mesma, a necessidade de olhar de maneira sensível a nossa volta, de perceber como nos comportamos e transitamos em sociedade. Como você tem olhado para o outro? Ou para você mesmo? É necessário nos questionarmos, lembrar a importância de olhar para dentro, ir além da casca. Em um trecho de *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago traz a seguinte reflexão: “provavelmente, só num mundo de cegos as coisas serão como verdadeiramente são.” (1995, p 128). Talvez por ora, nos seja necessário cegar a razão.

A relação que faço entre o documentário e trechos do livro em questão, é que ambos nos trazem a perspectiva da empatia. A experiência do caótico de forma sutil. A ideia aqui não é manipular a forma do outro pensar ou sentir, mas sim mostrar que há a possibilidade de sermos mais humanos, de cooperar de forma saudável e lúcida.

Elaborei etapas para a construção e desenvolvimento do projeto, primeiro a ideia, logo a produção das fotografias, em seguida as tentativas para chegar à melhor forma de serem apresentadas e observadas. Utilizei uma Nikon D7000 DSLR e duas lentes, sendo uma delas de 50mm e outra de 85mm. Ambas as lentes são melhores para fotografar em espaços com pouca luz. A lente de 85mm utilizada em algumas das fotografias é uma lente curta, teleobjetiva, onde seu comprimento físico é menor que sua distância focal, a mesma possui uma abertura de f/1.8. Já a 50mm também utilizada para captação das imagens, uma lente fixa que não nos possibilita dar zoom, enquanto uma objetiva fixa alcança uma distância estável, fazendo que seu usuário tenha que se locomover e explorar o espaço para fazer suas fotos - uma zoom varia sua distância focal entre maiores e menores intervalos. Essa lente também possui uma abertura de f/1.8.

Essa “abertura” é a responsável em definir a quantidade de luz que entrará e atingirá o sensor, ou seja, quanto maior for a incidência de luz maior serão as chances de uma imagem mais definida e nítida.

E dessa forma podemos correlacionar o nosso olhar com uma lente para câmeras. Imagine que seus olhos são uma lente, sua pupila está dilatada como uma abertura de diafragma, assim consequentemente seu olhar estará apto para receber mais luz. Contudo, um olho míope funciona um pouco diferente da córnea normal. A curva dessa córnea é maior que o normal, fazendo com que a mesma receba a luz na frente da retina, não focalizada nela. Podemos por assim dizer, que essa luz é excessiva, fazendo com que a imagem produzida esteja a todo tempo estourada, borrada, com a ausência de definição e nitidez.

Sabendo disto, parto para experiência mais próxima desse olhar com a câmera. No dia 15 de março de 2020, explorei espaços, movimentos e diversos olhares nas ruas de Cachoeira. Caminhei até uma praça em que havia um parque de diversões montado, nesse espaço haviam muitos objetos coloridos, pessoas em movimento e a percepção auditiva desse local.

A cada movimento era como se visse uma pintura diferente, de um artista diferente, um estilo diferente. Ora impressionista, ora expressionista, noutras apenas abstratas. Fiz assim as primeiras captações de um olhar sensível em imagens. A série de “fotografias míopes”, nomeadas assim por mim começaram então a dar solidez a este projeto.

Por mais que nossas partilhas sejam cuidadosamente detalhadas, profundas e a ideia de empatia, de sentir como o outro nos seja uma possibilidade, durante longos diálogos sobre um céu imenso e escuro com bolas foscas de luz brilhando ao ponto da luz ser sensível ao meus olhos, a ideia de céu e estrela sob as mesmas cabeças nunca serão as mesma, apenas se assemelham com a ideia do outro. Podemos olhar para o mesmo objeto com a mesma forma, mesmas cores, ângulos e ainda assim a perspectiva sobre o mesmo ser outra. Entre olhos, olhares.

O projeto começa a criar corpo a partir das primeiras fotos produzidas em 15 de março de 2020 entre a orla da cidade de Cachoeira e uma das praças próximas, onde eu residia até início do ano de 2021. As fotos foram produzidas com uma câmera Nikon D7000 DSRL, mesma câmera utilizada em outros projetos apresentadas no decorrer do curso e aulas de fotografia.

Parte IV - Fotografia Míope

No dia 15 de março de 2020 dei início ao processo de captação de algumas imagens, quando pouco ouvíamos falar da Covid-19 e transitávamos tranquilamente pelas ruas. Pude sair à deriva, observar o fluxo de pessoas indo e vindo, as cores e movimentos que por vezes se misturavam e se tornavam instigantes de serem captados.

O som das vozes, dos passos, das músicas, pessoas andando para lá e para cá enquanto eu, com uma câmera na mão transitava entre elas, registrando com os olhos, ouvidos e a câmera o que via, da forma que via. Era uma mistura de sensações, de cores e elementos. Qual era mesmo a sensação de ver a mesma cena e quase não a ver?

Foi um processo curioso, intrigante e sobre tudo produtivo. Como esses registros existem vários na internet já feito por outros. Mas a sensação de estar ali olhando de dentro para fora era única.

Um encontro do que se vê e do que pensa com o que se sente, a partilha dessa experiência com outras pessoas e o retorno de tudo isso. Todo o caminho percorrido desde as primeiras fotos experimentais até o resultado das mesmas costuradas umas às outras num fio imaginário contam a história do quase não ver para ver além.

Ver com os outros sentidos, ver como tudo de fato é. Para além da forma, das cores, do que são, parecem e desejamos que seja. É brincar com nossas noções de realidade, do que é real e o que não é. É, de fato, se permitir olhar com outros olhos. Experimentei vivenciar o processo em diferentes momentos do dia, utilizando a iluminação do amanhecer, entardecer e em algumas poucas ao anoitecer. Como nossos olhos reagem de formas diferentes à luz e à falta dela, algo análogo se aplica para nossa forma de pensar e perceber o mundo exterior. Uma imagem é composta de formas e cores, no olhar míope essa mesma imagem é composta pela ausência da forma.

Como base das reflexões pensadas e relatadas tanto no ato de produzir fotografias e uma escrita direta e também subjetiva com a proposta de aguçar o sentir do outro, trago a leitura de *Ensaio sobre a cegueira* de Saramago, e *Histórias do não ver* de Cao Guimarães, em que ambos questionam o quanto estamos cegos em relação a outros sentidos e por muitas vezes não nos permitimos romper a barreira da zona de conforto e viver esses outros sentidos, como desenvolver uma escuta ativa por exemplo.

É mais que perceber a pesquisa e se colocar nela, se atentar aos pequenos detalhes. Esse processo de captação de imagens foi também mais uma maneira de me aproximar como artista e pesquisadora da poética de criação. Me inseri na minha própria pesquisa, como também alguém que está sendo observada, um corpo em movimentos entre tantos outros sujeito de olhar e objeto de outros olhares. No curto espaço de tempo entre uma fotografia e outra, a pesquisa se desenvolvia diante da experiência.

Fotografias:



Titulo: Olhando com nitidez.

Distancia focal de 1855mm

Autora: Sarah Andrade



Titulo: Olhando com miopia.

Tecnica: Desfoque, distancia focal 1855mm

Autora: Sarah Andrade



Título: Sem título.



Título: Observando desconhecidos

Primeiro Experimento – Fotografia Míope

O experimento foi realizado em 12 de março de 2018, como avaliação da matéria de fotografia I. Após primeira exposição de fotografia, em que dei início a ideia de construção de um caminho de pesquisa, continuei costurando um processo ao outro.

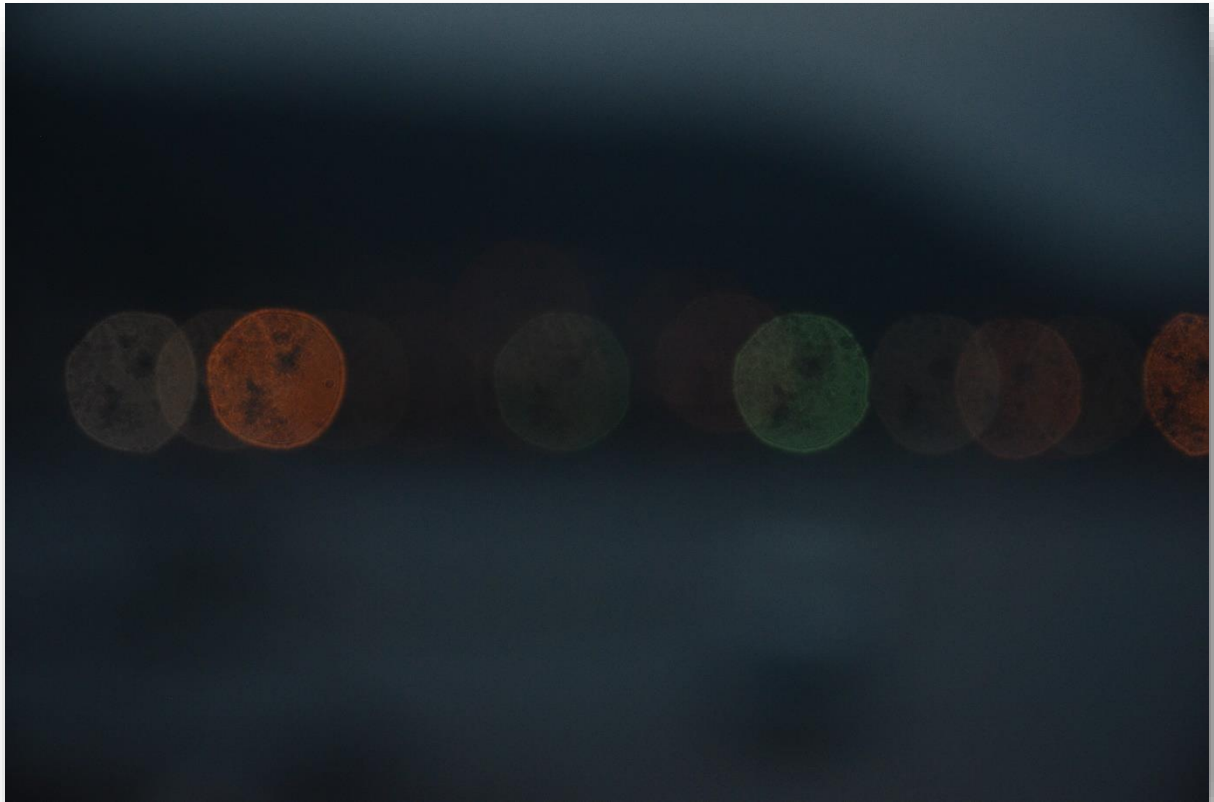


Titulo: Ballet dos Míopes / Autorretrato

Técnica: Lightpainting, distancia focal de 35mm

Autora: Sarah Andrade

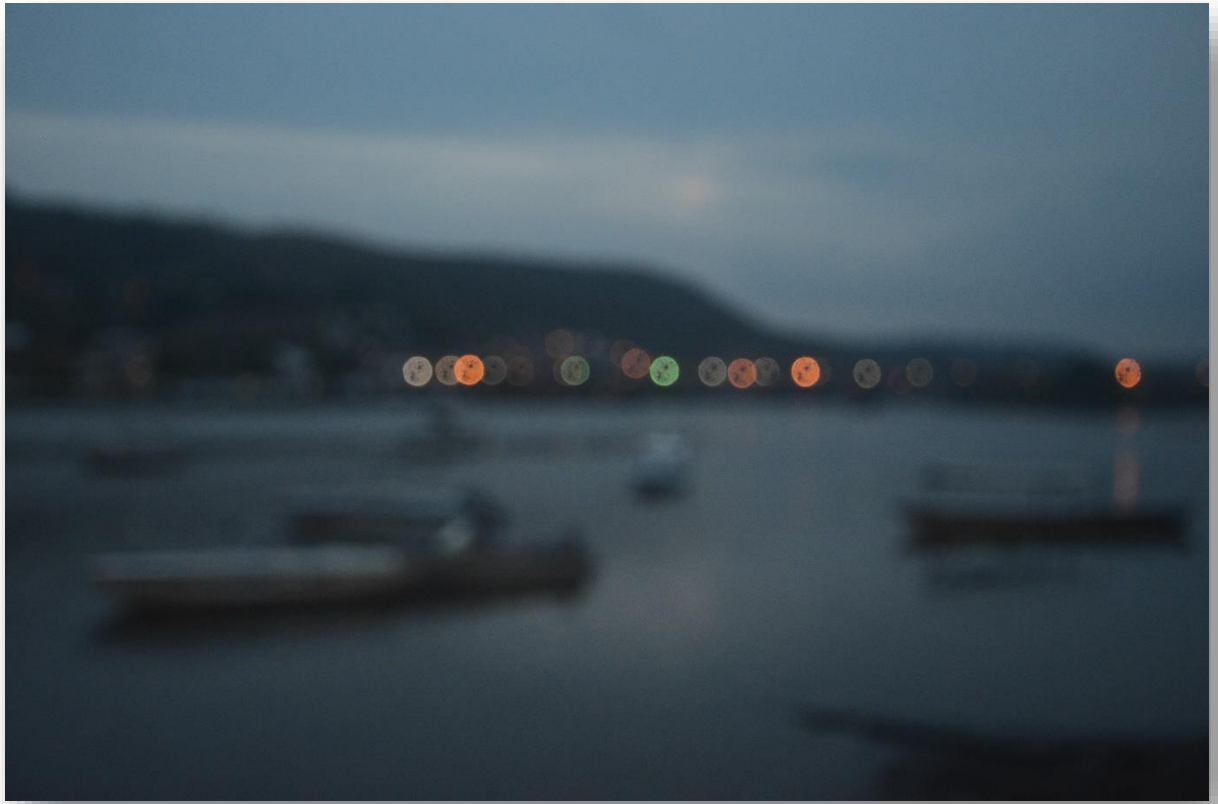
Por trás das lentes, compõem uma série de fotografia experimental com quatro fotos em que pude experimentar técnicas, como também conceitos. As imagens retratam a visão cotidiana de nós, pessoas com grau elevado de miopia e forte necessidade do auxílio de óculos ou lentes de contato.



Titulo: Por trás das lentes

Técnica: Desfoque,

Autora: Sarah Andrade



Titulo: Quando anoitece

Registros do primeiro experimento, lente de 35mm

Orla de Cachoeira, Ba

Autora: Sarah Andrade



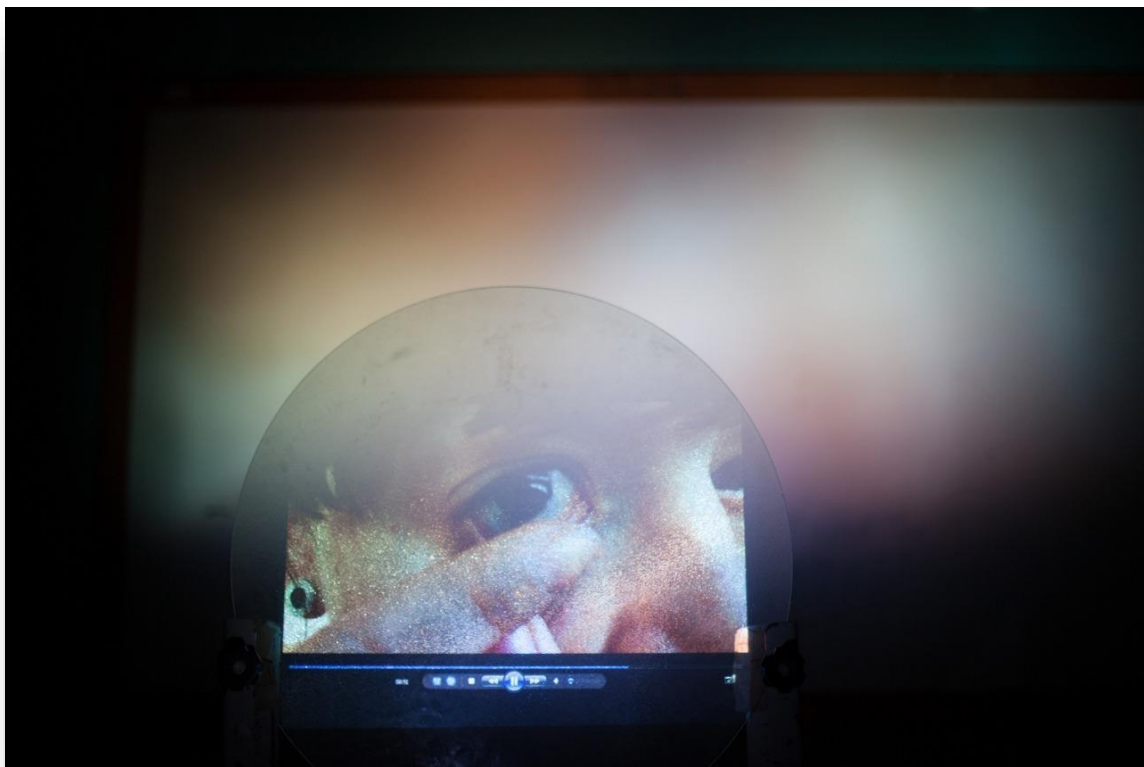
Título: Por trás das lentes

Técnica: Desfoque,

Autora: Sarah Andrade

Registro do segundo experimento com “fotografia míope”, video-instalação do projeto “Outros Olhos” realizada no ano de 2018 no Centro de Artes, Humanidades e Letras, em parceria com o também artista visual, Felipe Passos. Nesse projeto utilizamos o método da mobgrafia, que nada mais é que a captação de imagens com aparelhos móveis, smartphones. A ideia nesse caso não carecia tanto a exploração de técnicas, mas de “o que conseguimos mostrar e aprender com isso?” Como uma forma de aproximar pesquisadores e observadores e estabelecer um contato, compartilhar de ambos os lados o olhar e experiências cotidianas sob um olhar atento.

Lembro que logo após a apresentação alguns colegas que também apresentavam no mesmo espaço vieram compartilhar suas experiências do quase não ver, como se sentiam. Nesse momento uma das colegas me questionou; “Então, você não vê nada?” E isso me gerou outro questionamento, o que seria ver tudo? O que me fez perceber mais uma vez o quanto nossos outros sentidos estão adormecidos. Para mim além da forma, aquelas imagens continham som, cheiro, texturas... aquelas imagens eram também memórias.



Video-Instalação: Outros Olhos

Técnicas e Processos Artísticos

Registro Fotográfico: Vinicius Mendes

Pensado em quais formatos de apresentação o trabalho final teria, uma das primeiras referências como ideia de montagem surgiu após assistir ao filme/documentário *Baraka*⁴. São 96 minutos de paisagens e sons de diversos países, incluindo o Brasil. As imagens e sons ambientes contidos em *Baraka* não são coesos, contudo a simplicidade das relações entre as imagens e os sons, que não contém diálogos ou elementos textuais, carregam a intenção de expressar sentimentos humanos de forma sensível sem a necessidade das palavras.

As seguintes imagens escolhidas entre 17 de dezembro de 2019 e 13 de agosto de 2020 são parte do meu processo como artista visual e míope. Durante a graduação venho construindo uma narrativa poética fazendo uso de imagens em desfoque, faço uma reflexão sobre as diversas perspectivas de um mesmo objeto, tempo e espaço em busca do olhar sensível de cada indivíduo. A ideia é que o observador se permita interagir com as imagens, que se imagine nas cenas!

Que não se contente com uma única percepção. Que te incomode, que revire não só os teus olhos como os outros sentidos. Que tu possas ver além! “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” – Epígrafe do "Ensaio sobre a cegueira", citando o "Livro dos Conselhos" de El-Rei D. Duarte. Mas não só, existe beleza em tudo que nos permitimos ver. Nos cabe olhar com delicadeza. O rio, que logo pela manhã me parece uma pintura a óleo, ou na praia, onde meu olhar redesenha as paisagens e só de olhar a imagem lembro a sensação dos meus pés na areia e o barulho da água ao chegar na margem. O que era um momento impermanente é agora de alguma forma, uma memória permanente.

As imagens fazem parte do processo criativo, venho construindo uma narrativa através do ato de fotografar com baixa visão como experimento e busca do olhar sensível. As fotografias são registros de momentos a deriva nas ruas, algumas delas que parecem simples borrões, caracterizando o experimento e conceito de fotografia míope te induzem a criar cenas do momento e a mergulhar nas mesmas, fazendo assim que o observador por alguns minutos se permita fantasiar resgatando o "ser sensível", se permitindo ao "agora".

⁴ Baraka é um documentário experimental de 1992 dirigido por Ron Fricke que não contém diálogos, levando quem está assistindo a diversas reflexões sobre a humanidade.

<https://www.youtube.com/watch?v=cGxz5Psa5Tg>



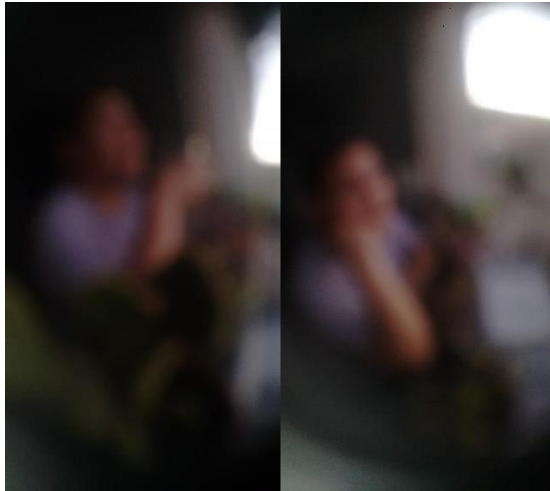
Titulo: Querida estranha conhecida

Tecnica: Desfoque, 85mm

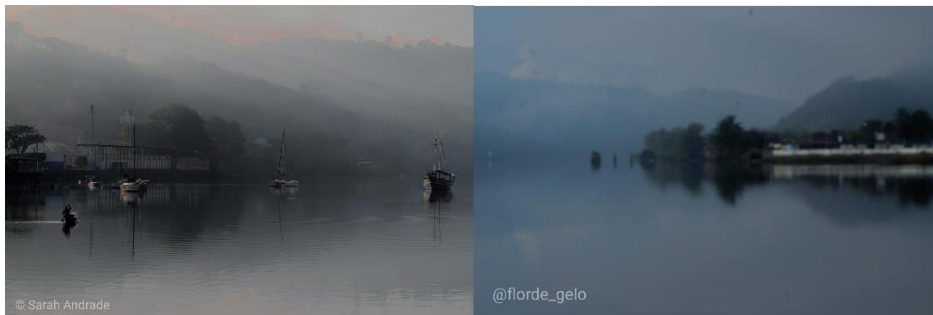
Autora: Sarah Andrade

Querida estranha conhecida

Esses registros captam pessoas do meu convivo que se tornam estranhas a partir do momentos que as vejo sem óculos, ja não nítidas como o esperado. Nossos diálogos, nossas partilhas de sentimentos e visões de mundo continuam por vezes as mesmas, mas a forma em que as percebo são diferentes. À distância, mesmo que não se movam, se tornam outras. O olhar míopediante das pessoas e das coisas nos fazem perceber o espaço de outra maneira.



Como os mesmos lugares, objetos, pessoas podem simplesmente parecer outros quando nossa forma de ver e enxergar se tornam outras ?



Titulo: Quando uma míope vai à praia

Autora: Sarah Andrade

Considerações finais

O intuito do trabalho foi criar uma ligação entre artista e leitor-espectador, para que ambos tivéssemos a possibilidade de ampliarmos nossas perspectivas de mundo. O formato do projeto teve limitações diante o momento pandêmico em que estamos vivenciando, que por sinal faz relação com uma das maiores referências em que me debrucei na pesquisa, *Ensaio sobre a cegueira* do escritor português José Saramago.

Espero poder dar continuidade ao projeto em outros formatos ao passar por esse momento onde o nosso contato vem sendo à distância e nossa comunicação permanece limitada. Que uma futura exposição, instalação possa a vir ser realizada e assim alcançar cada vez mais outras pessoas.

Continuo pensando, experimentando e desdobrando as ideias que vão surgindo enquanto desenvolvo minha pesquisa, enquanto produzo outras fotografias e perspectivas ao conhecer outros artistas que seguem caminhos semelhantes. Que ao fim dessa longa fase que vem nos arrastando e nos obrigando a viver de maneira diferente, saibamos olhar com mais cuidado uns com os outros, que estejamos dispostos a aprender e aceitar cada diferença entre nós.

“Toda recusa duma linguagem é uma morte.”

Roland Barthes

REFERÊNCIAS:

BARAKA. Direção: Ron Fricke. Produção: Mark Magidson. Local: EUA. MPI Home Video. 1993. Disponível em: <https://www.barakasamsara.com/baraka/about>

COM AMOR, VAN GOGH. Direção: Dorota Kobiela, Hugh Welchman. Produção: Hugh Welchman, Ivan Mactaggart, Sean Bobbitt. Companhia(s) produtora(s): Breakthru Films, Trademark Films. Good Deed Entertainment (USA), Europa Filmes, A2 Filmes (Brasil). 2017.(95min.)

CONDIÇÕES OCULARES, Hoya Vision, 2022. Disponível em: <https://www.hoyavision.com/br/o-que-eu-preciso/para-os-usuarios-de-olculos/compreendendo-a-visao/condicoes-oculares/>

FUJITA, Luiz Fujita Jr , **Miopia, Hipermetropia e Astigmatismo**, Portal Drauzio Varella, Publicado em: 10 de julho de 2019, Revisado em: 11 de agosto de 2020. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/miopia-hipermetropia-e-astigmatismo/>

GUIMARÃES, Cao,2001- **Historias do não ver: arte/** Cao Guimarães. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013. 108 p. 1 ed.

GADAMER, Hans-Georg. “**Arte e Imitação (1967)**”. In: *Hermenêutica da obra de arte*. São Paulo: Editora WMF / Martins Fontes, 2010, p. 15. Disponível em: https://www.ricardocosta.com/artigo/estetica-na-antiguidade-e-na-idade-media#footnote4_sc5ea9i

JANELA DA ALMA. Direção: João Jardim, Walter Carvalho. Brasil. 2001. Cor/p&b. (73min.) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_I917upG0DI Acesso em: 11/03/2022.

MR. TURNER. Direção: Mike Leigh. Produção: Georgina Lowe. Reino Unido. Companhia(s) produtora(s): Film4; Focus Features International; Lipsync Productions; Thin Man Films; Xofa Productions. 2014. Plataforma: Youtube.21 de out. de 2015.(02:30:08). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=017pdfbQtWs> Acesso em: 11/03/2022.

RICHTER, Indira, **Cartografia como metodologia: Uma experiência de pesquisa em Artes Visuais**, 2017. Paralelo 31, Revista do programa de Pós-Graduação em Artes Visuais Centro de Artes UFPEL, 2017. 08 ed. Disponível: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/13292> Acesso em: 09 de mar,2022.

SARAMAGO, José, 1922- **Ensaio sobre a cegueira**: romance / José Saramago. – São Paulo : Companhia das Letras, 1995. 310 p. 1 ed.